Tradição ou Violação

Ritos de iniciação obrigam raparigas a manterem relações sexuais com homens desconhecidos em Meconta

Por: Célia Sitoe, Pesquisadora do SEKELEKANI.

Na localidade de Japir, distrito de Meconta, na Província de Nampula, as raparigas são submetidas a um rito de iniciação à vida adulta, denominado "Okaka Ntupi", que significa "limpar a poeira". Contudo, tal "limpeza" aos seus corpos é feita por homens que lhes são desconhecidos, contratados pelas suas mães para inicia-las sexualmente, sem o seu consentimento nem qualquer proteção. A prática incide sobre adolescentes de entre os 12 e os 16 anos de idade, resultando em sistemático abandono escolar, gravidez precoce e contração de infeções de transmissão sexual ou de doenças pós-parto, como a fístula obstétrica. Uma equipa de pesquisa do SEKELEKANI visitou Japir e descreve os contornos de uma prática tradicional violadora dos mais elementares direitos humanos da raparigra.

1. "Sacudir poeira" ou violar adolescentes?

No distrito de Meconta, localidade de Japir na Província de Nampula, as raparigas são submetidas a um ritual que viola totalmente os seus direitos sexuais e reprodutivos. Como parte dos ritos de iniciação para a vida adulta, para além de receberem conselhos relacionados com a higiene pessoal, cuidados domésticos e respeito aos mais velhos, no último dia das cerimónias iniciáticas, as raparigas são obrigadas a manterem relações sexuais desprotegidas e com homens geralmente desconhecidos. O ritual é conhecido por "Okaka Ntupi", o que se traduz por "sacudir a poeira". O mito diz que, falhando este acto, as adolescentes correm o risco de não conceberem, na vida adulta, perderem o cabelo e ou ficarem com os pés e a barrigada inchados, ou mesmo perderem a própria vida!

Para o cumprimento do degradante ritual, a mãe da rapariga escolhe um homem para "sacudir a poeira" da filha, acto que este pratica de forma onerosa, ou seja, com direito a um pagamento em dinheiro que pode variar de 100 a 200 meticais. Na falta de dinheiro ou alternativamente, os

"serviços" do "limpador" são compensados por uma refeição especial. O individuo indicado pode ser solteiro ou casado.

Okaka Thupi: um rito que humilha a rapariga e lhe impõe maternidade precoce

Esta é uma prática particular entre os diferentes ritos de iniciação em vigor entre a população moçambicana, nomeadamente entre os povos Macua, Maconde e Yau, na região norte do país, visando essencialmente a integração pessoal, social e cultural do indivíduo, na vida adulta da sua comunidade. Porém, a "Okaka Ntupi" é uma tradição que se traduz em flagrante violação de direitos humanos dos adolescentes, incluindo com impacto sobre a sua saúde sexual e reprodutiva.

2. Uma prática intrusiva e degradante

Na parte final do "Okaka Ntupi", a rapariga, que é iniciada dentro de casa, é obrigada a receber um homem que a vai visitar, devendo aquecer-lhe água de banho, com a qual ambos tomam

banho, ao que se seguirá uma relação sexual. O homem, totalmente desconhecido da adolescente, é contratado e pago pela mãe desta, para o efeito. A regra determina que o homem deve ejacular sobre o umbigo da iniciada e, em caso de violação desta regra ou falha, a adolescente deve reportar o facto à mãe, que vai acionar os mecanismos de penalização do prevaricador. Tal penalização consiste em obrigar o "limpador" a levar a rapariga a um curandeiro para um outro tratamento. No fim da cerimónia, querendo, o homem pode decidir casar com a rapariga, mesmo que seja já casado com uma outra mulher. Não existe qualquer critério claro para a escolha do homem que vai "limpar a poeira" da adolescente, podendo ser qualquer individuo que esteja disposto a fazê-lo. Tudo depende da vontade da mãe da rapariga.

No fim da cerimónia, querendo, o homem pode decidir casar com a rapariga, mesmo que seja já casado com uma outra mulher. Não existe qualquer critério claro para a escolha do homem que vai "limpar a poeira" da adolescente, podendo ser qualquer individuo que esteja disposto a fazê-lo. Tudo depende da vontade da mãe da rapariga.

O contrato é mantido em segredo entre a mãe, a madrinha, o homem e a rapariga. Se a escolha recair sobre um homem casado, este facto deve ser mantido em segredo absoluto para a sua esposa.

Albertino Caita, de 19 anos, diz que já "limpou" duas meninas, de 13 e 15 anos, e que das duas vezes fez bem o tratamento “As mães é que vieram negociar comigo, e pagaram-me, num caso, 50 meticais e no outro 200 meticais e me preparam um bom jantar", recorda.

Anciã Julieta Cebola: "a rapariga que fugir do rito sofre consequências graves"

Segundo explica a anciã Julieta Cebola, a “Okaka Ntupi” é uma tradição antiga, pela qual todas as raparigas devem passar, antes da primeira relação sexual". A rapariga que não realizar este rito vai ter menstruação constante, vai perder cabelo e vai ficar com o umbigo furado e a sangrar constantemente", adverte a anciã.

Caso uma menina se recuse a participar no ritual, as anciãs da comunidade e os pais engendram planos e estratégias para submete-la. Tais estratégicas podem passar por esconder o homem dentro de casa, até ao uso da força, que pode consistir em amarrar a adolescente. Este foi o caso de Márcia Julio, que desabafa: "Eu nunca tinha visto aquele homem antes; ele disse-me ali mesmo o que ia acontecer, mas o meu coração não esta satisfeito porque eu queria escolher sozinha o homem da primeira relação sexual. Tudo o que eu queria era sair daquele lugar.

Obrigaram-me; se eu soubesse teria fugido". Márcia Júlio foi submetida ao ritual aos 15 anos de idade, contando hoje 27 anos, e sendo mãe e três filhos.

Márcia Julio foi submetida ao ritual aos 15 anos de idade e ficou traumatizada

Amadeu Lourenço afirma que uma vez foi "contratado" para desempenhar aquele papel, mas defrontou-se com o caso de uma adolescente que não queria passar por aquele ritual, tendo sido forçada a submeter-se. Recorda Amadeu Lourenço: “ela foi forçada; trouxeram-na à força para a minha casa. Foi muito complicado; ela chorou. No fim perguntei-lhe se queria ficar comigo e ela disse que não. Não gostei da situação, mas tinha que acontecer, porque tinha sido contratado para isso”.

Em algumas circunstâncias, as raparigas podem ter a possibilidade de escolher por si próprias o seu "purificador". Este foi o caso de Fatima Luis: quando os pais descobriram que ela já tinha um namorado, aos 12 anos, obrigaram a este a cumprir com o ritual. "Disseram ao meu namorado que, sem a cerimónia, eu podia morrer e, se eu morresse, ele seria o culpado e teria que levar o meu cadáver para o cemitério da família dele”, recorda Fatima. Ela afirma que uma sua irmã, que

se casou sem passar pelo "Okaka Ntupi”, adoeceu gravemente; não concebia e perdia cabelo, tendo tudo sido resolvido após seguir as normas do ritual.

3. **Forçadas a "casar" precocemente**

Depois da relação sexual, havendo ambiente "favorável", os dois podem conversar, onde o homem pergunta se a rapariga aceitaria casar com ele. No caso de uma resposta positiva, o homem não recebe qualquer pagamento, pois ter-se-á tornado marido da iniciada. O casamento pode suceder mesmo que o homem seja já casado com uma outra mulher.

Angelina Caita de 23 anos idade, passou pelo ritual aos 19 anos e casou-se com o homem que a iniciou. Contudo, esta relação apenas durou dois 2 anos, e ela está agora no seu segundo casamento. “De facto a relação não durou muito tempo, e separamo-nos logo depois do primeiro filho”.

Mães adolescentes à espera de consultas de pediatria em Meconta.

Questionada sobre o que pensa do ritual, Angelina responde da seguinte forma: “recebemos presentes por termos alcançado a maturidade. Não sabemos se noutras zonas isso acontece, mas como queremos ter filhos, nós vamos porque os filhos são a nossa família. Cada menina tem o seu homem, se a menina ficar grávida durante o ritual, o homem é comunicado e deve casar-se com ela”.

“Às vezes, quando o homem seja casado, ele pode levar a menina e abandonar a esposa ou então decidir ficar com as duas. Mas deve respeitar as duas e ter condições para comprar “peixe” para ambas. Eu casei mas me separei porque não nos entendíamos, só ficamos um ano casadas", afirma Teresa João, que fez o ritual aos 15 anos.

4. Abando escolar e infeções de transmissão sexual

Os ritos de iniciação podem durar até cerca de um mês, período durante o qual as meninas ficam privadas de ir à escola. O pressuposto segundo o qual estas cerimónias levam os adolescentes à vida adulta, faz com que, no final das cerimónias, elas não mais vejam qualquer necessidade de retomar a escola, por que a sociedade já as considera crescidas e maduras para enfrentar os desafios do lar e da maternidade.

Por essa razão, na escola de Japir as meninas é que apresentam maior índice de desistência. Só em 2015 desistiram 21 estudantes. Na sua maioria as raparigas começam a desistir a partir da quarta classe, deixando os rapazes progredirem sozinhos.

Não raras vezes, são os próprios pais que promovem os casamentos precoces, "empurrando" as filhas para se juntarem a homens mais velhos, a troco de dinheiro. Este foi o caso de Jamila Moisés, uma menina de 16 anos. Jamila conta que o seu pai a obrigou a "casar-se" com um homem muito mais velho, em troca de 2500 meticais. “Não me consultaram se eu queria casar ou não, e eu interrompi a frequência da décima classe", conta ela, acrescentando que nem conhece a idade do seu marido. Com semblante triste desabafa: “ele diz que quer ter filhos, mas eu lhe digo que não quero filhos porque ainda quero estudar”.

Uma das piores consequências dos ritos é a gravidez precoce seguida de abandono escolar

Segundo o Director pedagógico da Escola de Japir, Idar Adamugy a desistência escolar tem, efectvamente, como principal causa, os casamentos prematuros, ao que se adiciona a prática de mudança de residência dos pais, nomeadamente em casos de divórcios, em que as mães levam consigo as crianças, sem pedir a transferência das matrículas.

A saúde sexual e reprodutiva das raparigas é outro direito das raparigas que fica em risco. Os abundantes partos prematuros provocam às adolescentes doenças pós parto, como é o caso de fístulas obstétricas. Segundo a médica Isaura Paulo, doenças sexualmente transmissíveis como a sífilis e a gonorreia são as que apresentam maior registo. “Temos recebido muitos casos de gravidez precoce, de crianças entre os 14-16 anos. Temos também registado muitos casos de sífilis e de gonorreia em crianças 13 aos 15 anos”.

A médica conta que, ao recomendarem às pacientes para regressarem à unidade sanitária com os seus parceiros, com vista a que sejam também tratados, nem elas nem os seus parceiros cumprem com a recomendação.

Assim, o impacto da "Okaka Ntupi" sobre as raparigas de Meconta repercute-se em diferentes dimensões, bloqueando o são desenvolvimento da rapariga: provoca casamentos precoces e indesejados, o abandono escolar e a propagação de doenças graves, atentando contra a saúde sexual e reprodutiva da rapariga.

Fim…